

MUDANÇA OU CONTINUIDADE? A POLÊMICA NA SEÇÃO TENDÊNCIAS/DEBATES DA FOLHA DE S. PAULO *

Edvania Gomes da SILVA ¹

RESUMO *Este trabalho tem por objetivo investigar alguns aspectos do “discurso polêmico” na seção Tendências/Debates do jornal Folha de S. Paulo, observando, principalmente, como se dá a criação dos simulacros discursivos em cada um dos textos analisados. Trata-se de pensar em que medida a polêmica entre os discursos contribui para o funcionamento textual-discursivo da citada seção. O eixo central das discussões desta pesquisa se situa na noção de polêmica discursiva, a partir da hipótese do interdiscurso, mais precisamente, a partir da noção de interincompreensão, proposta por Maingueneau (1984).*

ABSTRACT *Ce travail cherche étudier quelques aspects du « discours polémique » dans la section « Tendências/Debates » du journal quotidien brésilien Folha de S. Paulo. L’objectif est d’observer comment on arrive à la création des simulacres discursifs dans chacun des textes analysés. Il s’agit de penser à quelle mesure la polémique entre les discours contribue au fonctionnement textuel-discursif de la section ci-dessus. Le noyau des discussions de cette recherche est situé dans la notion de polémique discursive considérée à partir de l’hypothèse de l’interdiscours, plus précisément à partir de la notion d’interincompréhension proposée par Maingueneau (1984).*

0. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vivemos um período em que a diferença e, principalmente, a “consciência” da presença (muitas vezes incômoda) do *outro* são fatores determinantes na construção de uma identidade discursiva. Por isso, é cada vez maior o número de discursos que

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 17 de fevereiro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Sirio Possenti.

¹ Doutoranda em Linguística - Análise do Discurso (IEL/UNICAMP).

rivalizam entre si, buscando na destruição do *outro* as bases necessárias para construção de uma identidade própria. Tomando por base esta rivalidade entre os discursos, analiso alguns aspectos da *polêmica discursiva* na seção Tendências/Debates (doravante T/D) da *Folha de S. Paulo*. Para tanto, com base no dispositivo analítico da Análise do Discurso, utilizo as marcas lingüísticas e textuais como *indícios* que ajudam a identificar o funcionamento dos discursos materializados nos textos que compõem o *corpus* do trabalho.

Este artigo está dividido em três tópicos centrais. Inicialmente, analiso a organização da seção Tendências/Debates, a fim de proporcionar uma visão geral do *corpus*. Em seguida, discuto a questão do estilo da citada seção. Por fim, apresento a análise dos dados propriamente dita. Na análise, divido os textos publicados na seção Tendências/Debates em três grandes grupos temáticos: 1) *polêmica e bioética*; 2) *polêmica e liberdade civil*; e 3) *polêmica e segurança pública*. Objetivando resumir a análise de cada grupo temático, proponho uma tabela na qual há uma síntese dos principais semas que caracterizam cada um dos discursos em relação polêmica.

Apresentadas essas considerações preliminares, enfatizo que, no decorrer do trabalho, procurei compreender a dinâmica e o funcionamento da polêmica discursiva na sociedade contemporânea. Assim, espero contribuir, em alguma medida, para o desenvolvimento de novas pesquisas que privilegiem a noção de *polêmica* e sua possível relação com uma teoria interdiscursiva da discursividade.

1. SOBRE A SEÇÃO TENDÊNCIAS/DEBATES

A escolha de textos da seção Tendências/Debates para compor o *corpus* desta pesquisa justifica-se, primeiramente, pela diversidade de temas polêmicos abordados a cada semana pela seção. Essa variedade permite observar melhor a relação entre discursos, pois abre um leque de possibilidades no que diz respeito às diferentes discursividades presentes em nossa sociedade. Além disso, o fato de a seção Tendências/Debates apresentar duas opiniões diferentes sobre um mesmo assunto possibilita uma análise mais aprofundada do discurso polêmico, uma vez que podemos verificar a construção de diferentes espaços discursivos que se constituem no interior de um mesmo interdiscurso.

Na seção Tendência/Debates, políticos, economistas, professores, médicos, cientistas e outras autoridades debatem sobre temas considerados polêmicos, como a questão do celibato clerical, da clonagem humana, da crise na Argentina, da alta do dólar, entre outros. Todos os sábados, a seção apresenta os textos de duas personalidades que emitem pontos de vista, respondendo SIM ou NÃO a uma pergunta elaborada pela equipe editorial. Essa equipe propõe temas polêmicos que estão sendo amplamente discutidos e, por isso, são, supostamente, de grande interesse. Os temas são tratados de forma geralmente acessível, mesmo para um público não-especializado. No entanto, as

pessoas convidadas a defender um determinado ponto de vista podem ser consideradas, na maioria das vezes, “especialistas” naquele tema.

O fato de a seção estar localizada na parte do jornal que traz os textos opinativos é um indício, bastante óbvio, de que um dos seus objetivos é apresentar opiniões sobre um determinado assunto. Além disso, o próprio título da seção “mostra” que nela encontram-se textos que apresentam diferentes pontos de vista sobre política, economia, religião etc., além de *debates* (esses só aos sábados) sobre os mais variados temas. Durante a semana, a seção Tendências/Debates apresenta dois textos, não necessariamente sobre o mesmo assunto, que, além de bastante explorados pela opinião pública, são, em geral, polêmicos. Esses textos são polêmicos não só no sentido de polêmica enquanto processo discursivo, mas também (e, talvez, principalmente) no sentido corrente da palavra *polêmica*, ou seja, polêmica enquanto discussão acerca de um assunto que gera opiniões controversas.

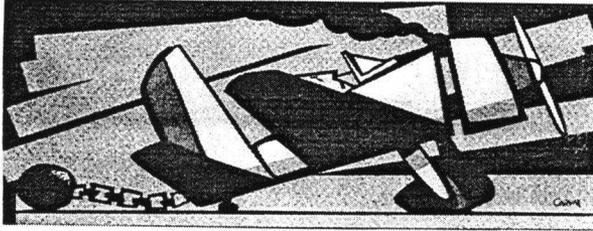
Nessa descrição da Tendências/Debates, atente-se para o fato de que a citada seção, pela sua própria estruturação, contribui, essencialmente, para corroborar o *ethos*² *democrático* que, segundo Discini (2003), caracteriza a FSP. Afinal, um jornal que “dá voz” aos dois lados de uma polêmica é, ao menos aparentemente, bastante democrático. Essa questão do *ethos* da *Folha* será mais bem explicitada na segunda parte deste artigo.

Ainda em relação à estrutura da seção T/D, vale ressaltar a importância das ilustrações que antecedem os artigos publicados aos sábados³. A característica que mais chama atenção nessas figuras é o fato de elas, quase sempre, fazerem referência a apenas um dos textos da seção. Assim, a ilustração, na maioria dos casos, não se relaciona com a pergunta que a antecede, mas com uma das respostas que a segue. É o que pode ser verificado na análise da seção Tendências/Debates do dia 24 de maio de 2003.

Nesse dia, a pergunta motivadora do debate é “*É cedo para cobrar resultados econômicos do governo Lula?*”. Os convidados a responder essa questão são o deputado federal Alberto Goldman, que responde NÃO à pergunta do jornal, e o empresário Abram Szajman, que responde SIM. Logo abaixo da pergunta motivadora, há a seguinte ilustração, assinada por Carvall:

² De acordo com Maingueneau, “*o ethos implica um policiamento tácito do corpo, uma maneira de habitar o espaço social. Longe de surgir todo armado do imaginário pessoal de um autor, constitui-se através de um conjunto de representações sociais do corpo ativo em múltiplos domínios*” (Maingueneau, 1993:139).

³ Neste trabalho analiso apenas os textos publicados aos sábados. Essa escolha deve-se, principalmente, ao objetivo da pesquisa. Como meu interesse é observar aspectos do discurso polêmico, optei por não incluir os artigos que não se caracterizam pelo debate direto entre duas posições contrárias.



Nela, um avião verde e amarelo (representação do Brasil) tenta decolar, mas não consegue porque está preso a uma bola de ferro. No comando do avião, que se assemelha a uma antiga aeronave de guerra (daquelas utilizadas na segunda guerra mundial), está um piloto com uma feição relativamente irritada (boca cerrada e sobrancelhas inclinadas sobre os olhos). Além disso, da parte da frente do avião, entre as hélices e a cabine do piloto, sai uma fumaça preta que indica mau funcionamento da aeronave.

Logo abaixo da figura, está o texto de Alberto Goldman (deputado federal pelo PSDB – SP). O artigo, intitulado “*Sobra carisma, falta competência*”, responde negativamente à pergunta do início da seção. No texto, assim como na ilustração, há uma crítica à suposta falta de capacidade do governo petista de fazer o Brasil decolar.

O segundo texto, assinado por Abram Szajman, tem o seguinte título: “*Os trilhos que faltam*”. Szajman defende a tese de que *ainda não é o momento de cobrar resultados do novo governo*. Em princípio, pode-se pensar que a ilustração de Carvall também representa, em alguma medida, esse segundo texto. Afinal, mostrar que o avião Brasil ainda não decolou não significa dizer que ele não vai decolar. Entretanto, a bola de ferro que prende o avião na terra e a fumaça que sai do motor mostram que algo não está funcionando bem. Ou seja, segundo a ilustração, não se trata apenas de acertar os trilhos para poder começar a trabalhar. A questão é que a máquina não está funcionando. E é justamente isso o que afirma o texto de Alberto Goldman. Portanto, a ilustração funciona como uma espécie de reafirmação do ponto de vista defendido no texto de Goldman.

Talvez a análise de outras ilustrações possibilitasse conclusões mais concretas a respeito da *unidade integral* (ilustrações + artigos) da seção T/D e sua relação com a *totalidade discursiva* da FSP (cf. Discini, 2003). Entretanto, o objetivo deste trabalho não é realizar uma análise exaustiva das ilustrações da seção T/D. As observações feitas a esse respeito serviram apenas para mostrar a relação entre as ilustrações e a parte verbal (os artigos) da citada seção, sem, no entanto, correlacioná-las, a partir de uma análise mais detalhada, com o *ethos* da *Folha*.

2. TENDÊNCIAS/DEBATES: ESTILO, ETHOS E FUNCIONAMENTO DISCURSIVO

Neste tópico, focalizarei a relação entre discurso, gênero e estilo no interior da seção Tendências/Debates. O objetivo desta análise é verificar em que medida a presença

de certos traços estilísticos contribuem para a constituição dos textos da citada seção. Para tanto, parto do pressuposto de que a seção Tendências/Debates apresenta, em sua estrutura discursiva-textual, uma relação equilibrada entre *estilo individual*, *estilo discursivo* e *estilo do gênero*.

A noção de *estilo* tem sido estudada a partir de diferentes perspectivas teóricas, existem formas bastante diversificadas de compreender e analisar os fenômenos estilísticos. Dentre essas diferentes concepções de estilo, está a proposta por Gilles-Gaston Granger. A concepção de estilo de Granger (1968) é baseada na relação entre *forma* e *conteúdo* que, segundo o autor, deve ser analisada como uma relação de *trabalho*. O trabalho é visto não como *objeto possível de um conhecimento científico*, mas como *uma das estruturas da prática*. Ou, dito de outra forma, o trabalho é uma característica da prática que resulta em obras. As diferentes maneiras de relacionar forma e conteúdo são resultado do trabalho de toda uma sociedade e, conseqüentemente, de sujeitos *construtores* que executam tarefas realizando *escolhas* a partir das possibilidades que lhes são oferecidas em um mundo *efetivamente vivido*. Portanto, de acordo com as noções de estilo e de *efeito de estilo*³ defendidas por Granger, mesmo que dois sujeitos enunciem dentro de uma mesma Formação Discursiva ou estejam submetidos às mesmas Condições de Produção, poderá haver diferenças entre eles. Essas diferenças estarão centradas, principalmente, na ordem do *como* dizer (Possenti, 1988). Não se trata de estilo enquanto efeito da psicologia individual de um autor, mas como efeitos resultantes do trabalho. Essa constatação torna-se relevante para a análise da seção T/D na medida em que permite priorizar não apenas os elementos que indiquem a presença de um estilo do gênero ou de um estilo do discurso, mas também identificar, no interior de cada artigo, elementos de um estilo (ou de um *efeito de estilo*) individual, que, longe de representar um retorno ao *indivíduo*, indicam apenas a existência de efeitos de singularidade dentro das diversas Formações Discursivas.

Por outro lado, existe a concepção de estilo de Bakhtin (1979) que está relacionada com sua teoria da enunciação. Para esse autor, enunciados estáveis, produzidos em uma determinada esfera social, constituem formas típicas, isto é, modos de estruturação desses enunciados. Dessa forma, cada gênero constitui um estilo próprio de enunciação. Ou seja, cada gênero tem o seu próprio *estilo funcional*. Nessa perspectiva, o estilo individual, apesar de não ser abolido, passa a ser re-significado, pois estaria subordinado ao estilo do gênero. Para Bakhtin, *nem todos os gêneros do discurso são propícios ao estilo individual* (Bakhtin, 1979:283).

Apesar de considerar as concepções de estilo postuladas por autores como Granger (1968) e Possenti (1988), no que se refere a estilo enquanto singularidade; e de Bakhtin (1979), no que se refere ao estilo dos gêneros do discurso, adoto a definição de estilo

⁴ Granger (1968) define *efeito de estilo* como a reorganização daquilo que sobra, ou seja, a reestruturação do *resíduo*.

proposta por Discini (2003), segundo a qual *o estilo é uma construção do discurso* (p. 37). Propor tal definição, como veremos na análise dos dados, não exclui o reconhecimento de um *estilo individual* e nem tampouco a existência de um *estilo dos gêneros*. Portanto, utilizar a concepção de estilo de Discini, não significa negar as demais teses aqui apresentadas. Entretanto, a proposta de estudar o estilo de um texto a partir da noção de *totalidade discursiva* é a que melhor se adapta aos dados desta pesquisa e ao objetivo de analisar o discurso polêmico, priorizando, a hipótese da interdiscursividade.

De acordo com Discini (2003), *o estilo apóia-se num fato formal, enquanto potencialidade de um fazer, depreensível da totalidade de discursos enunciados*. Em outras palavras, a autora relaciona estilo e discurso, postulando a existência de uma totalidade integral (*totus*) à qual subjaz uma unidade integral (*unus*). O estilo é, portanto, fruto de uma relação interdiscursiva na qual o interno (o estilo de um discurso qualquer) significa em oposição ao externo, o Outro pelo qual esse interno se constitui.

Em relação ao estilo da seção Tendências/Debates, postulo a existência de uma possível relação entre singularidade e discursividade a partir de três pontos específicos: 1) a escolha dos *temas*; 2) o funcionamento da *autoria*; e 3) o estabelecimento da *polêmica discursiva*.

O primeiro destes aspectos está relacionado à escolha dos temas da T/D. Há, na citada seção, uma grande ocorrência de temas que estão, de alguma forma, ligados à questão da mudança. Falar em mudança ou continuidade é falar de algo, ao menos aparentemente, de grande relevância na sociedade atual. Dessa forma, tanto quando trata do direito de um homossexual criar o filho de seu parceiro que faleceu (Tendências/Debates, 12/02/2002), quanto quando aborda a questão do celibato clerical (Tendências/Debates, 27/04/2002), a seção Tendências/Debates faz emergir várias FDs que têm em comum o mesmo *traço semântico*. Em termos discursivos, todos esses temas estão, em certa medida, ligados à oposição entre mudança e continuidade.

A relação entre mudança e continuidade fica clara quando analiso, por exemplo, os textos publicados na seção T/D que tratam de assuntos relacionados ao avanço científico. Para aqueles que defendem a mudança, há urgência em desenvolver novas técnicas, bem como em quebrar “velhos preconceitos”. Para esse discurso, mudar significa evoluir, e essa evolução deve ser implementada o mais depressa possível. É o que podemos observar no trecho abaixo:

Se não formos rápidos na discussão, estaremos fadados ao eterno subdesenvolvimento científico-tecnológico, submissos e obrigados a comprar tecnologia ultrapassada. A ciência caminha lado a lado com o ser humano, e não distante dele. Algumas vezes essa ciência atropela o pensamento humano e o homem se esforça para compreendê-la melhor. Essa busca por uma nova compreensão permite que a humanidade se desenvolva, cresça e expanda os seus horizontes (João Pedro Junqueira. Nosso admirável mundo novo. FSP, 01/12/2001).

Aqui, o avanço científico é visto como forma de evitar que a humanidade esteja fadada a *eterno subdesenvolvimento científico-tecnológico*. De acordo com esse trecho,

a mudança é algo urgente. Por isso, é preciso que as discussões sejam agilizadas para que haja crescimento e desenvolvimento. Nesse sentido, mudança é sinônimo de avanço científico ou de *busca por uma nova compreensão*.

Em um outro texto, também relacionado à questão da clonagem, há um discurso contrário à mudança (nesse caso, mudança corresponde ao desenvolvimento de técnicas de clonagem terapêutica). A noção de *ética* é evocada enquanto parâmetro que limita, até certo ponto, a “liberdade desregrada”. O título do texto - “*Os fins não justificam os meios*” - já indica uma certa prudência em relação à mudança. No artigo, Estêvão Bettencourt recrimina a clonagem terapêutica, alegando que, mesmo se voltada para fins humanitários, a clonagem é uma atitude antiética. É o que podemos comprovar na análise do trecho abaixo:

Não é lícito produzir um ser humano com a intenção premeditada de o explorar como coisa e depois matá-lo ou congelá-lo por cinco anos e eliminá-lo, desde que um casal benévolo não o venha procurar. A finalidade boa não justifica os meios maus. Aliás, a própria ciência sabe também que, no adulto, existem células-tronco que podem atender à finalidade terapêutica visada. A ciência sem consciência ética pode se voltar contra o homem. Afinal, ela deve ser cultivada em favor do homem e não em favor da ciência (Estêvão Bettencourt. *Os fins não justificam os meios*. FSP, 22/06/2002).

Estêvão Bettencourt define a medicina genética como *a ciência sem consciência ética*. Portanto, a ética é vista como parâmetro para julgar até que ponto a ciência está voltada para o benefício da humanidade. Nessa perspectiva, apelar para a *ilicitude* da clonagem é reafirmar um discurso segundo o qual *a falta de ética* (para aqueles que vêem a clonagem como uma atitude antiética) é interpretada como *falta de respeito* à vida autenticamente humana.

Os exemplos apresentados revelam, portanto, que os traços semânticos da mudança e da continuidade são uma constante nos textos da seção Tendências/Debates.

Em relação ao funcionamento da autoria, destaco a noção de responsabilidade abordada por M. Foucault (1969). No texto em questão, Foucault apresenta quatro características que, segundo ele, servem para reconhecer, na nossa cultura, um discurso portador da função autor. Dentre essas características está uma certa relação jurídica entre a obra e seu autor. Segundo Foucault, “*os textos, os livros, os discursos começaram efetivamente a ter autores /.../ na medida em que o autor se tornou passível de ser punido*” (Foucault, 1969:47). O autor é, portanto, aquele que é *responsável* por sua obra. Essa característica tem uma grande importância para a análise da seção T/D. Isso porque, entre as características dessa seção, verifiquei a importância dada à “assinatura” do articulista (aliás, o próprio Foucault analisa a função do *nome de autor*). Esta aparece na página principal do jornal, quando o texto é anunciado, e torna a aparecer no início do artigo. Além disso, no final de cada texto há uma nota de rodapé onde consta um breve *curriculum* do “autor”. Portanto, a *forma* como a seção é estruturada faz funcionar aspectos de autoria em relação aos textos que nela são publicados.

Mesmo se não houvesse uma nota de rodapé com o *Curriculum Vitae* dos autores, o fato de a seção ser assinada produz um *efeito de autoria* que indica um certo funcionamento do nome do autor ligado ao traço da responsabilidade. Obviamente, não se pode dizer que esse efeito de autoria corresponde exatamente à noção de nome de autor proposta por Foucault. As condições de produção do texto jornalístico são totalmente diferentes das de obras nas quais é possível, segundo Foucault, identificar a particularidade do nome de autor. Além disso, não se pode considerar um artigo de opinião uma *obra*, no sentido foucaultiano do termo. Contudo, não se trata de uma autoria propriamente dita, mas de um *efeito de autoria*, ratificado por meio do traço da responsabilidade.

No que concerne à análise da polêmica discursiva, proponho um diálogo com os trabalhos de D. Maingueneau. Para o autor, a questão da *interincompreensão*⁵ está diretamente relacionada com a noção de *polêmica*⁶. No que concerne à seção Tendências/ Debates, pretendo verificar até onde a *forma* de constituição da polêmica está relacionada à questão do estilo. A fim de compreender melhor a relação entre estilo e interincompreensão, analiso, a seguir, dois textos da T/D.

Na seção Tendências/Debates do dia 24/04/2002, a pergunta motivadora do debate é a seguinte questão: “*O aumento do IOF para cobrir as perdas da CPMF é uma medida adequada?*”. Os dois políticos “convidados” pelo jornal para responder a essa pergunta são: 1) o deputado Arthur Virgílio Neto, que responde SIM à questão proposta pelo jornal, identificado na nota do fim do artigo como “*deputado (PSDB – AM) e líder do governo no Congresso Nacional*” e 2) o também deputado federal José Genoíno, que responde NÃO à questão, identificado como “*integrante do PT e candidato do partido ao governo do Estado*”.

A tese defendida no texto de Arthur Virgílio Neto é a de que o aumento do IOF é inevitável. Para sustentar essa tese, o deputado estabelece um contraponto com o discurso da oposição, retomando esse discurso em forma de simulacro. Vejamos um exemplo:

Dinheiro não escorre de nenhuma torneira. E nem depende da famosa e tétrica “vontade política”, que é, idilicamente, brandida por setores da oposição, quase que num contraponto à realidade dos fatos.

⁵ De acordo com Maingueneau (1984:110), *quando se considera o espaço discursivo como rede de interação semântica, ele define um processo de interincompreensão generalizada, condição de possibilidade mesma de diversas posições enunciativas. Para elas, não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” o sentido dos enunciados do Outro.*

⁶ Quando trata da polêmica discursiva, Maingueneau (1984) refere-se, de forma mais específica, a dois discursos identificados no interior de um mesmo *espaço discursivo* que polemizam não só constitutivamente, mas que revelam essa polêmica através de uma *heterogeneidade mostrada*. Dessa forma, a polêmica discursiva seria um tipo de heterogeneidade na qual as marcas ou índices polêmicos podem ser identificados na superfície discursiva através de simulacros.

O deputado Arthur Virgílio introduz no seu texto o termo *vontade política* que está sempre presente no discurso político da oposição⁷. Entretanto, esse termo não entra no texto de Arthur Virgílio da mesma forma que é interpretado pela oposição. O termo *vontade política*, além de aparecer entre aspas, indicando, segundo Authier-Revuz (1998), um suposto distanciamento do enunciador em relação ao enunciado, aparece re-significado de acordo com a grade semântica específica do discurso da situação (governistas). O que para a oposição é *vontade política*, para os governistas é uma maneira “*dos homens públicos irrealistas exercitarem sua ‘bondade’ social sustentada por colunas de papelão*” (Virgílio Neto, 2002).

Por outro lado, o deputado oposicionista José Genoíno inicia seu texto responsabilizando diretamente o Ministério da Fazenda pelo aumento do IOF, como pode ser comprovado no trecho abaixo:

A decisão do Ministério da Fazenda de aumentar a alíquota do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) caracteriza mais um dos abusos que este governo vem cometendo sistematicamente contra o contribuinte e o consumidor

Aqui, o deputado Genoíno responsabiliza de forma categórica o Ministério da Fazenda pelo aumento da alíquota do IOF, afirmando que a medida foi uma *decisão* desse Ministério. Entretanto, se voltarmos ao texto de Arthur Virgílio Neto, verificaremos que o que Genoíno chama de *decisão* o deputado governista considera uma *opção*. Vejamos:

Daí a opção pelo aumento do Imposto sobre Operações Financeiras, o IOF, que talvez, por si só, não seja suficiente para cobrir o inteiro do déficit.

Além do uso do substantivo *opção* que, ao contrário de *decisão*, suaviza bastante a ação do Ministério, atente-se para o fato de que, no texto de Arthur Virgílio, a oração que trata sobre a *opção* do Ministério não apresenta o responsável por essa opção, ou seja, o *complemento nominal* do substantivo *opção* não está explicitado. Isso ocorre, provavelmente, porque a grade semântica específica que rege o discurso de Arthur Virgílio considera o aumento uma *necessidade* e não uma *decisão*. Nesse sentido, o discurso no qual o deputado situacionista está inserido não “permite” que o texto em questão explicita quem são os “responsáveis” pelo aumento do IOF, pois tal explicitação permitiria a conclusão de que havia outra *opção* e isso geraria um efeito de responsabilização que o discurso situacionista pretende evitar.

A partir do esboço de análise apresentado, é possível fazer algumas observações sobre estilo da seção Tendências/Debates: a) existe uma preferência por temas que evocam os traços semânticos da mudança e da continuidade; b) há um *funcionamento*

⁷ Um exemplo disso é o seguinte trecho, também retirado da coluna Tendências/Debates: “*É inaceitável que a sociedade, que sofreu com o apagão e economizou energia, sob ameaça de pagamento de multas e corte no fornecimento, continue pagando por uma conta que é mais uma consequência da falta de vontade política desse governo*” (Tendências/Debates, 13/04/2002).

da autoria que é constitutivo do estilo da seção e c) existe um certo *estilo dos discursos polêmicos*, que se manifesta por meio da criação dos simulacros discursivos. Portanto, no caso da polêmica propriamente dita, o simulacro não só está presente, mas também caracteriza, até certo ponto, o *ethos* do discurso. Com base em Discini (2003), faço uma aproximação entre *ethos* e estilo, pois o discurso polêmico tem uma *corporalidade* e um *tom* próprios que, de acordo com Maingueneau (1987), caracterizam o *ethos* de um discurso. Talvez a existência de um *ethos* dos discursos polêmicos que se caracteriza, entre outras coisas, pela presença do simulacro, seja um indício de que tal fenômeno (o simulacro) é um efeito que, de alguma forma, contribui para constituição do estilo dos discursos polêmicos.

3. ANÁLISE DOS TEMAS DA SEÇÃO TENDÊNCIAS/DEBATES: A POLÊMICA EM TORNO DA MUDANÇA

Neste tópico, pretendo verificar a presença dos semas *mudança e continuidade* nos textos selecionados. Para tanto, apresento três *linhas temáticas* principais: 1) *a questão da mudança e sua relação com a bioética*; 2) *a mudança e a questão da liberdade civil*; e 3) *a mudança e sua relação com a questão da segurança pública*.

3.1. Polêmica e Bioética

Na seção Tendências/Debates, temas relacionados à bioética, como clonagem e transgênicos, são abordados por pessoas consideradas autoridades capacitadas a defender o discurso contra e o discurso a favor da mudança nas técnicas biogenéticas.

Para visualizar melhor os traços semânticos de cada discurso, utilizarei a oposição *discurso da mudança versus discurso da continuidade*. Proponho, com base em Maingueneau (1984)⁸, um quadro no qual estão representados os principais semas (positivos e negativos) dos temas tratados nesse primeiro bloco de textos:

⁸ O autor apresenta um estudo da semântica global do Humanismo Devoto e do Jansenismo (duas correntes religiosas da França do século XVII).

Tabela 1
Semas referentes ao discurso da bioética

	MUDANÇA (incentivar)		CONTINUIDADE (proibir)	
	Pró (semas positivos)	Contra (semas negativos)	Pró (semas positivos)	Contra (semas negativos)
Clonagem	<ul style="list-style-type: none"> • Avanço; • Desenvolvimento científico; • Evolução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atitude antiética; • Volúpia da conquista; • Atitude precoce. 	<ul style="list-style-type: none"> • Prudência; • Respeito à humanidade; • Ética. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atraso • Temor • Preconceito
Transgênicos	<ul style="list-style-type: none"> • Nova tecnologia; • Conquista benéfica; • Triunfo do conhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Promessa mágica; • Tecnologia insegura; • Engodo econômico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Precaução • Defesa do meio ambiente 	<ul style="list-style-type: none"> • Fundamentalismo bobó; • Ignorância.

3.2. Polêmica e Liberdade Civil.

Outro tema abordado na seção Tendências/Debates e que é atravessado pelos traços semânticos da mudança e da continuidade é a polêmica em torno da *liberdade civil*. Nesses tempos em que assuntos como *terrorismo, guerra, liberdade sexual e religiosa* estão cada vez mais presentes, a questão da liberdade civil é constantemente retomada nas discussões políticas, econômicas e sociais e, conseqüentemente, retomada também pelos meios de comunicação. Abaixo, sintetizo os semas positivos e negativos que representam, em alguma medida, os discursos materializados em cada um dos textos desse segundo bloco.

Tabela 2
Semas referentes ao discurso da legalização das drogas

	MUDANÇA (Legalizar)		CONTINUIDADE (Reprimir)	
	Pró (semas positivos)	Contra (semas negativos)	Pró (semas positivos)	Contra (semas negativos)
Legalização das drogas	<ul style="list-style-type: none"> • Flexibilização; • Saída de bom senso 	<ul style="list-style-type: none"> • Banalização; • Discurso perigoso e estéril. 	<ul style="list-style-type: none"> • Seriedade; • Prudência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Hipocrisia; • Lentidão pátria; • Proibicionismo.
	MUDANÇA (Legalizar)		CONTINUIDADE (Reprimir)	
Solução para o problema das drogas	<ul style="list-style-type: none"> • Legalização; • Prevenção; • Tratamento. 		<ul style="list-style-type: none"> • Repressão; • Prevenção; • Tratamento. 	

Tabela 3

Semas referentes ao discurso da união civil entre pessoas do mesmo sexo

	MUDANÇA (Legalizar)		CONTINUIDADE (Reprimir)	
	Pró (semas positivos)	Contra (semas negativos)	Pró (semas positivos)	Contra (semas negativos)
Conceder a guarda do filho de um homossexual ao seu cônjuge	<ul style="list-style-type: none"> • Avanço significativo; • Corajosa decisão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Calvário para a criança; 	<ul style="list-style-type: none"> • Verdadeiro bem; • Bem superior da criança; 	<ul style="list-style-type: none"> • Omissão; • Causa de sofrimento
União civil entre pessoas do mesmo sexo	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito à igualdade e à diversidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Deplorável deturpação da família; 	<ul style="list-style-type: none"> • Aliança fiel; • Medida adequada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Hipocrisia; • Discriminação;

3.3. Polêmica e segurança pública

Atualmente, a polêmica sobre a segurança pública está presente nos mais diferentes setores da sociedade. As grandes questões acerca de como o problema da violência pode ser resolvido, bem como as discordâncias no que diz respeito às pretensas soluções, é um tema constantemente abordado pela seção Tendências/Debates.

No quadro abaixo, apresento alguns semas que estão diretamente relacionados aos discursos materializados nos textos analisados nesse último bloco.

Tabela 4

Semas relacionados à questão da Segurança Pública

	MUDANÇA (enrijecimento das leis)		CONTINUIDADE (não enrijecimento das leis)	
	Pró (semas positivos)	Contra (semas negativos)	Pró (semas positivos)	Contra (semas negativos)
Aumento das penas e do contingente policial	<ul style="list-style-type: none"> • Atitude de emergência; • Devolução dos direitos dos policiais; 	<ul style="list-style-type: none"> • Propostas equivocadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Senso de resultados; • Solução permanente; • Resultados eficazes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Posicionamento equivocado; • Ladainha repetitiva
Emprego das Forças Armadas no combate ao crime	<ul style="list-style-type: none"> • Constitucional; • Desejável 	<ul style="list-style-type: none"> • Mero paliativo; • Soluções paliativas e ilusórias; • Verdadeiras panacéias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Soluções permanentes; • Busca de um maior equilíbrio social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Restrições excessivas

Além dos *semas* apresentados em cada um dos quadros acima, existem algumas marcas lingüísticas que permeiam todos os textos analisados. São estratégias argumentativas, além de traços discursivos e estilísticos, que caracterizam, em alguma medida, os textos da seção Tendências/Debates. Entre essas estratégias, cito:

- Recorrência de negações polêmicas que servem para antecipar possíveis críticas do discurso adversário;
- Presença de comentários metadiscursivos que retomam ou antecipam o “dizer”, contribuindo assim para a argumentação do texto;
- Criação de simulacros que traduzem e anulam o discurso adversário;
- Utilização de anáforas lexicais que recategorizam o referente de forma a contribuir com a posição defendida no texto;
- Uso de modalizadores *deônticos* (é preciso, é urgente, obviamente) e *epistêmicos* (possivelmente, provavelmente, talvez) que marcam o *tom* do texto, contribuindo para a construção do *ethos* de cada um dos discursos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção Tendências/Debates, o estilo polêmico, que caracteriza a polêmica discursiva, materializa-se por meio de diferentes *ethos* e diferentes estratégias discursivo-argumentativas. Nos textos referentes à bioética, a mudança é vista como um valor positivo por aqueles que defendem uma suposta *evolução científica*. Em contrapartida, os defensores da continuidade afirmam que muitas das mudanças na área da biogenética são atitudes *imprudentes*, *antiéticas* e *precipitadas*. O *ethos* assumido por essas duas discursividades é de *sapiência*. Cada qual evoca um conhecimento específico para defender sua posição discursiva. Nos textos que materializam o discurso da liberdade civil, a mudança é vista, por aqueles que a defendem, como uma atitude de *flexibilização* e como uma *manifestação de respeito à igualdade e à diversidade*. Para os defensores da continuidade, o mais prudente é deixar as coisas como estão, pois mudar é uma atitude de *banalização* e de *imprudência*. Nesses casos, o *ethos* do discurso varia de acordo com o estatuto do enunciador. Quanto aos temas relacionados à segurança pública, o traço semântico da mudança corresponde, na maioria das vezes, a uma atitude mais rígida, por parte das polícias, em relação à criminalidade. Esse enrijecimento é visto, pelos que o defendem, como uma *atitude de emergência* e como algo *desejável*. Entretanto, para aqueles discursos que podem ser analisados a partir do traço semântico da continuidade, a *mudança* nas atitudes das polícias para com os criminosos é uma *proposta equivocada* e uma *solução paliativa*. Em relação ao *ethos* assumido no discurso sobre a segurança, as posições são mais fixas do que nos discursos sobre a liberdade civil. O *ethos* de indignação está presente em quase todos os textos e o *tom* agressivo é uma das características mais marcantes desse *ethos*. No entanto, em um dos textos analisados, constatamos a subversão desse *tom* agressivo.

Em síntese, as diferenças entre os discursos materializados nos textos da seção Tendências/Debates irão depender do tema abordado, das coerções genéricas e também do estilo individual de cada convidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, J. (1998). *Palavras incertas*. Campinas, Editora da Unicamp.
- BAKHTIN, M. (1979). “Os gêneros do discurso” In: *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- DE CERTEAU, M. (1980). *A invenção do cotidiano – Artes do fazer*. Petrópolis, Vozes.
- DISCINI, N. (2003). *O estilo nos textos*. São Paulo, Contexto.
- GRANGER, G. (1968). *Filosofia do Estilo*. São Paulo, Perspectiva – Edusp.
- MAINGUENEAU, D. (1984). *Genèses du discours*. Bruxelles, Pierre Mardaga, editeur.
- _____. (1987). *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3ª ed. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, 1997.
- POSSENTI, S. (1988). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo, Martins Fontes.